

CRIAÇÕES LEXICAIS COMO DOMÍNIO EMPÍRICO PARA AVERIGUAR A CONTRIBUIÇÃO DAS IDEIAS SAUSSURIANAS AOS ESTUDOS EM AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM¹

Camila Rossetti VIEIRA

Orientadora: Profa. Dra. Rosa Attié Figueira

Resumo: A criação de palavras novas, que não estão presentes na fala dos adultos, é um fenômeno registrado entre 3 e 5 anos de idade na fala de muitas crianças². Um caminho interessante de investigação nos leva a indagar: - por que o fazem? - como o fazem? - e, mais importante, qual a contribuição da Linguística, a partir de Saussure, para o estudo desse fenômeno? A fim de responder a essas questões o presente artigo dedicou-se a fazer um levantamento de um conjunto de dados de autores que prestaram sua contribuição ao tema a partir de um material empírico variado. Procuramos analisar esse material de acordo com alguns pressupostos saussurianos que estão presentes tanto no *Curso de Linguística Geral* (1916), como também na publicação recente *Escritos de Linguística Geral* (2004). Além disso, avaliaremos o que tais ocorrências revelam da posição do sujeito em relação à língua. A pesquisa se faz no interior da abordagem teórica dita *interacionista*.

Palavras-chave: Aquisição de Linguagem; inovações lexicais; analogia; Saussure.

1. INTRODUÇÃO

Dentre as propostas teóricas que, na comunidade científica, discutem a questão da aquisição da linguagem pela criança hoje, incluem-se os trabalhos *interacionistas*. Essa proposta, advinda dos trabalhos da Profa. Dra. Claudia de Lemos e de suas colaboradoras, coloca o diálogo como unidade de análise e vê na relação entre a fala da criança e fala do outro/adulto um ponto fundamental de discussão. Para tanto, debruça-se sobre a constituição da língua na criança e coloca o foco da investigação na mudança observada durante o processo de aquisição de língua materna.

Tal teoria, estabelecendo um ponto de vista sobre a aquisição de linguagem, parcialmente novo, tem o tempo todo que se reavaliar, estabelecendo terminologias, revendo conceitos e pressupostos teóricos. Nesse vai e vem teórico, Saussure e sua obra se faz sempre presente nos trabalhos de Lemos e suas colaboradoras, como se vê em seus

¹ As pesquisas desenvolvidas neste artigo tiveram apoio da CNPq (proc. 144692/2011-2) na modalidade de Iniciação Científica.

² Estas produzem itens tais como *desabrir* (para fechar), *pinteiro* (para pintor), *roubador* (para ladrão), *tira-cainha* (= *tira-carninha*, para palito), *boia* (para vaca), *boda* (para cabra), *bolsista* (para o possuidor de uma bolsa – acessório feminino), etc. - conforme atestado por Figueira (1995, 1999), os quatro primeiros dados, Santos (1997), os dois seguintes, e Cauduro (2001), o último deles.

textos (1982, 1986, 1992, 1999, entre outros), sendo ora no sentido de filiação e ora sendo reavaliado, porém sem deixar de levar em consideração todo o avanço que a Linguística alcançou depois dele. Comprova-se que, para essa posição teórica, Saussure é sempre um ponto de partida fundamental.

Inserimo-nos nesse ponto de vista teórico, debruçando-nos sobre as ideias do estruturalismo linguístico, mais precisamente sobre aquelas que procedem de Saussure, a fim de averiguar qual a sua contribuição para o estudo do fenômeno de aquisição de linguagem. Tomamos como ponto de partida empírico uma das particularidades da fala da criança nesse percurso, as criações lexicais.

Assim sendo, o presente artigo tem por objetivo principal averiguar, a partir da análise das inovações lexicais, qual a contribuição das ideias saussurianas sobre analogia advindas tanto do *Curso de Linguística Geral* quanto dos *Escritos de Linguística Geral* para a investigação da aquisição de linguagem pela criança.

2. O ESTUDO DO CONCEITO DE ANALOGIA

Definição de analogia

A primeira definição que aparece no CLG para o conceito de analogia apresenta-o da seguinte maneira:

“A analogia supõe um modelo e sua imitação regular. *Uma forma analógica é uma forma feita à imagem de outra ou de outras, segundo uma regra determinada*” (Saussure, 1916, p.187).

Assim sendo, pode-se dizer de antemão que uma forma analógica vai sempre advir de outra que sirva de modelo. Uma criança que crie palavras novas precisará de um modelo e sua imitação se dará a partir de uma regra. É importante ressaltar que, segundo Dubois (1983, p. 515), as ditas regras são hipóteses sobre o funcionamento de um mecanismo linguístico. Sendo assim, a criação de uma palavra vai sempre pressupor um modelo que seja selecionado através de uma hipótese sobre um mecanismo linguístico.

A fim de averiguar como esse postulado ajuda a entender a inovação lexical da fala da criança, citemos o dado (1), abaixo. Como se pode observar, neste dado, a criança produz uma forma a partir de outra, que poderia ser “fofoqueira”, “faladeira”, etc. A hipótese que explica a associação entre modelo e produto, ou seja, a regra que foi utilizada para a formação da palavra, deve levar em conta como os “modelos” foram relacionados no eixo associativo – um dos mecanismos linguísticos descritos por Saussure.

(1) M. Hum?

J. Eu sou *dormideira*, *dormideira*.

M. Cê é uma/uma dormideira?

A. Cê é uma dorminhoca. (G - 4; 8.4)³.

³ Dado retirado de: FIGUEIRA, R.A. A Palavra divergente. Previsibilidade e imprevisibilidade nas inovações lexicais na fala de duas crianças. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, vol. 26, p.49-80, 1995.

Este postulado convoca a repensar a discussão proposta por Clark (1982, p.39), que questiona: Seriam as formas neológicas da fala da criança frutos de analogia ou da abstração de uma regra? Nota-se que tal pergunta, que põe em dicotomia analogia e regra, adquire outro sentido numa perspectiva saussuriana. Nessa, uma palavra nova sempre será proveniente do fenômeno analógico cujo funcionamento, como veremos mais à frente, é explicado pelo *cálculo da quarta proporcional*. Mas, intrínseco a ele, está a imitação de um modelo mediante uma regra.

Mecanismo da analogia

Segundo Saussure (1916, p. 189), os primeiros linguistas – os comparatistas – acreditavam que a analogia ou “falsa analogia” decorria de um engano da língua sobre determinado protótipo. Foram somente os neogramáticos que mostraram que a analogia, juntamente às mudanças fonéticas, é um grande fator de evolução das línguas (o processo pelo qual as línguas passam de um estado de organização para outro). Tal processo nada tem de anômalo.

Apesar de Saussure concordar com os neogramáticos no sentido de considerar a analogia um fenômeno normal do funcionamento da língua, segundo Normand (2009, p. 49), sua perspectiva se afasta da anterior ao introduzir o fato de que a analogia, em sua verdadeira natureza, não é como se pensava, a de uma mudança, mas de uma criação. Dessa forma, como coloca Normand (id.), uma das maiores contribuições para o estudo da analogia feitas por Saussure foi a de, ao considerá-la como criação normal da língua, não separá-la da descrição dos mecanismos linguísticos. Nesse sentido, como descreve a autora, um lugar de destaque nessa questão deve ser dado à importância do latente no processo, uma vez que a analogia mostra que toda criação deve ser precedida de uma comparação dos materiais depositados no tesouro da língua, onde as formas geradoras se alinham de acordo com suas relações associativas. Isso decorre do fato de que, como esmiuçaremos mais adiante, uma parte do fenômeno analógico ocorre antes que a forma nova apareça, já que ela se apresenta em potencial na língua.

Conclui-se que o mecanismo da analogia, sendo somente um caso particular do funcionamento linguístico geral, é regido por suas regras, ou seja, o mecanismo da analogia consiste na análise e reconstrução dos elementos fornecidos pela língua. Tal afirmação põe em evidência, segundo Normand (id, p. 51), a “importância do papel do eixo associativo, para a função no ato linguístico das potencialidades, do *latente*”.

Do ponto de vista da Aquisição de Linguagem, as considerações sobre o mecanismo da analogia são relevantes na medida em que mostram que a criança que está adquirindo a linguagem opera pela relação que une as formas entre si e que a realização da analogia prevê todo um funcionamento linguístico que ocorre no eixo das associações, como denominou Normand (ibidem, p.51), o que afirma seu caráter psicológico.

Forma analógica, quarto termo de uma proporção

Levando em conta todas essas considerações sobre o mecanismo da analogia, Saussure resume sua operação de uma maneira muito didática ao reduzi-la ao *cálculo da quarta proporcional*. Apresentaremos abaixo uma definição matemática desse cálculo para compreendermos melhor como ele pode ser aplicado ao estudo da língua.

Quarta proporcional

Dados três números **a**, **b**, e **c**, chamamos de quarta proporcional o quarto número **x** que junto a eles formam a proporção:

$$\frac{a}{b} = \frac{c}{x}$$

Tendo o valor dos números **a**, **b**, e **c**, podemos obter o valor da quarta proporcional, o número **x**, recorrendo à propriedade fundamental das proporções. O mesmo procedimento utilizado na resolução de problemas de regra de três simples.

(Em: <<http://www.matematicadidatica.com.br/Proporcao.aspx>>. Acesso em 12 de fevereiro de 2012)

A paráfrase possível dessa definição, usando os exemplos de Saussure, é a seguinte: Dados três signos linguísticos - **a** (*oratore*), **b** (*orator*) e **c** (*honore*), chamamos de quarta proporcional o quarto signo **x** (*honor*) que junto a eles forma a proporção:

$$\begin{aligned} \textit{Oratore} : \textit{orator} &= \textit{honore} : x \\ X &= \textit{honor} \end{aligned}$$

Tendo em vista o valor⁴ dos signos **a**, **b** e **c**, podemos obter o valor da quarta proporcional, o valor do signo **x**, recorrendo à propriedade fundamental das proporções (a igualdade entre as razões).

Com essa paráfrase, entende-se que, se existem signos como “*orator*” que se formam em razão a/ em analogia a “*oratore*”, é possível que exista um signo como “*honor*” que se forme em razão a “*honore*” e constitua com os primeiros uma proporção.

É importante ressaltar que Saussure afirma que, mesmo assumindo a quarta proporcional como uma explicação plausível ao fenômeno analógico, não se pode excluir a análise e decomposição dos elementos como uma forma de explicá-lo, já que é por elas que achamos a razão de ser da analogia. No entanto, é pela hipótese da quarta proporcional que o autor opta ao dissertar sobre essa operação no falante. Segundo ele, não se deve supor que o falante realize uma operação tão complicada como a análise. Mesmo assim, o fato de se recorrer a quarta proporcional não impõe a exclusão da análise e decomposição dos elementos.

Nesse ponto, a confusão entre análise e quarta proporcional parece estabelecer, dentro da analogia, dois processos amplamente distintos: um que prediz a análise e decomposição dos elementos e outro que toma os elementos em conjunto e no qual distinções como sufixo, tema e raiz seriam frutos de abstração. Deve-se separar, nesse ponto, dois pólos relevantes da questão: por um lado, o procedimento que explica o fenômeno analógico, e, de outro, a razão de ser da analogia. Assim, uma palavra nova sempre será criada pela comparação da relação que une as formas geradoras, mas sua existência somente é explicada pelo fato de que, como coloca Saussure (2004: 159), “em

⁴ Na teoria saussuriana, todo signo linguístico possui um valor negativo, ou seja, serão sempre aquilo que os outros signos do sistema não são.

todo estado de língua, os sujeitos falantes têm consciência de unidades morfológicas – ou seja, de unidades significativas – inferiores a unidade da palavra”, ou seja, pela análise e decomposição das palavras em unidades menores.

Passamos, pois, a averiguar o conceito de *quarta proporcional* aplicado a fala da criança. Para tanto, tomemos o dado (2) apresentado abaixo:

- (2) (A vai tomar leite; este está muito quente; a mãe intervém)
M. Tá quente.
A. Então *diquenta*.
M. Quê?
A. Então *diquenta* um pouco, né? (D – 3; 11.10)⁵

Ligar: desligar = esquentar: x
X = diquentar (= desesquentar)

O exemplo de quarta proporcional acima mostra que, tendo em vista o valor dos signos **a** (*ligar*), **b** (*desligar*) e **c** (*esquentar*), o sujeito obterá o valor da quarta proporcional, o valor do signo **x**, recorrendo à propriedade fundamental das proporções (a igualdade entre as razões), assim **a** estará para **b**, como **c** estará para **x**. Entende-se, com isso, que se existem signos como “desligar”, que se formam por estar numa relação associativa com itens como “ligar” e “tampar”/“destampar”, é possível que exista um signo como “*diquentar*” que se forme por estar numa relação associativa com itens como “ligar”/“desligar” e “esquentar”.

Vemos no dado acima a forma “*diquenta*” representando o valor **x**, a quarta proporcional. Este verbo forma com “esquentar” (**c**), “ligar” (**a**) e “desligar” (**b**) uma razão/uma relação analógica. Os valores de **a** e de **b** são fornecidos por nós enquanto analistas pelo mesmo mecanismo que podemos supor procedente do falante: a comparação da relação que une as formas entre si, porém tomando-as em conjunto. Tal fato conduz a uma análise que, se utilizar categorias gramaticais como verbo, nome, afixo, etc, levará a reconhecer que **a** e **c** seriam palavras da categoria dos verbos e **b** alguma palavra da categoria dos verbos prefixados em *des-* e, portanto, **x** teria que ser da mesma categoria que **b**.

Com isso, podemos concluir que a relevância de assumir a quarta proporcional como explicação das inovações lexicais em Aquisição de Linguagem poderá assentar-se em averiguar a emergência na fala da criança de certas categorias gramaticais, a partir de uma análise morfológica das formações.

Caprichos da analogia

Por fim, o autor disserta que, por mais regular que o fenômeno analógico seja, ele tem seus caprichos. Algumas formas, por exemplo, por uma razão ou outra, resistem à analogia. Além disso, segundo o mestre, não se pode prever qual o limite para a imitação

⁵ Dado retirado de: FIGUEIRA, R.A. Aquisição dos verbos prefixados por *des-* em Português. In: *Palavra*5. Rio de Janeiro: PUC. 190-211, 1999.

de um modelo, nem quais os tipos destinados a provocá-lo, como também não se pode dizer que são as formas mais numerosas aquelas que desencadeiam a analogia.

O que Saussure denomina “caprichos da analogia” tem sua razão, na aquisição de linguagem, naquilo que Figueira, em seu texto de 1995, denominou “previsibilidade e imprevisibilidade”. Se por um lado, quando se tomam as inovações lexicais tanto da fala da criança quanto do adulto, pode-se encontrar uma certa regularidade nos processos de formação de palavras, admitindo-se, portanto, um caráter previsível desse processo, por outro lado não se pode dizer porque algumas palavras resistem à analogia, nem porque certas palavras desencadeiam a analogia, o que reflete um caráter imprevisível desse fenômeno. É importante ressaltar ainda que, no caso da fala da criança, o imprevisível se relaciona a mais um aspecto: sua discrepância em relação à fala do adulto. Para a ilustração, mostremos o dado (3):

(3) Evento 8 (4:01;19)

(No refeitório da escola durante o almoço)

P1: O que você vai comer Matheus?

Mt1: Eu queria comer pizza...

P2: Mas pizza não tem.

Mt2: Mas a gente podia ligar e o *pizzeiro* trazia a pizza aqui, né?⁶

No dado (3), a criança produz uma palavra nova “*pizzeiro*”⁷ através de um modelo como *pipoca:pipoqueiro*. A imprevisibilidade dessa produção se reflete tanto no sentido de que não se poderia dizer de antemão que o modelo desencadearia uma analogia, quanto na sua não correspondência com a fala do adulto que utiliza, para designar “sujeito que produz pizzas”, a palavra de origem italiana “*pizzaiolo*” e a expressão “entregador de pizzas”, para designar “sujeito que entrega pizzas a domicílio”⁸. Mas é interessante observar que o caráter previsível também se faz presente, uma vez que a criança utiliza, para a formação dessa palavra, um processo morfológico amplamente conhecido e utilizado em língua portuguesa.

Pode-se, no entanto, indagar se haveria motivos mais gerais para que uma forma desencadeie analogia. Uma hipótese bem comum para explicar essa questão é a de que as formas mais frequentes são aquelas que desencadeiam a analogia. Sobre esse assunto, textos mais antigos da Aquisição de Linguagem, como os apresentados por Costa (1976) (ex. Stern (1915), Guillaume (1927), Bogoyavlenskiy (1973), Slobin (1973) e Brown (1973)) - já mostravam que a frequência de uso na língua não é um requisito necessário para que uma forma seja observada na fala da criança.

⁶ Dado retirado de: SANTOS, P de C. A Construção de significado: um caminho possível. Londrina: Uel, 1997.

⁷ Conforme uma busca na internet pôde comprovar (ver Google), a palavra “*pizzeiro*” é usada no português europeu para designar pessoas que tem por profissão fazer pizzas. Já no âmbito do português brasileiro, como observamos em Borba (2004), essa função é exercida pela palavra de origem italiana “*pizzaiolo*”.

⁸ O contexto do dado não deixa claro se “*pizzeiro*” é usado no sentido de “*pizzaiolo*” ou de “entregador de pizzas”.

Como se vê, tanto as evidências empíricas dessas pesquisas antigas como também o aparecimento de dados na fala da criança com afixos pouco produtivos – exemplo dado (4) - são bons argumentos para que se corrobore a hipótese do mestre de que não são as formas mais frequentes que desencadeiam analogia:

- (4) Evento 4 (4:05;23)
(As crianças estavam fazendo salada de frutas na cozinha da escola)
R1: Agora tem que cortar a banana.
Cz1: Pronto, tá aqui!
R2: Mas este *facote* não serve⁹.

Segundo constatação na base de dados do TEMNNEO – Observatório de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo¹⁰, sufixos como o diminutivo *-ote*, que aparece no dado (4), estão entre os menos frequentes da língua, tendo uma frequência provavelmente menor que 2% nesse *corpus*. Assim sendo, o capricho da analogia referente à frequência de uso ganha mais um argumento na fala da criança.

3. CONCLUSÕES

Pudemos averiguar, primeiramente, que as contribuições que nos chegam de Saussure fazem repensar a dicotomia “analogia” e “regra” que se coloca frequentemente, não só em textos da Aquisição de Linguagem (Clark, 1982), mas também da Morfologia (Basílio, 1997). Tal dicotomia não faz sentido na proposta do mestre, já que no próprio fenômeno analógico, segundo Saussure, está envolvida uma regra. Sendo assim, uma palavra nova sempre será proveniente da analogia, mesmo que o sujeito faça uso desse esquema diversas vezes, afinal, o que se tem na analogia é a imitação de uma forma de uma maneira regular.

Já as considerações sobre o mecanismo da analogia, confundindo-se com os mecanismos da própria língua, mostraram-nos que a criança que está adquirindo a linguagem opera pela relação que une as formas entre si e que a realização da analogia prevê todo um funcionamento linguístico que ocorre no eixo das associações ou do latente, como denominou Normand (ibidem. p.51). No entanto, pudemos averiguar também que mesmo assumindo a importância do latente para as formações analógicas, Saussure demonstra que elas são gramaticais, ou seja, que pressupõe a consciência da relação que une as formas entre si, mas de uma consciência que deve ser relativizada. .

Sobre o mecanismo da quarta proporcional pudemos concluir que, apesar de tomar a equação como explicação para o fenômeno analógico, a análise e decomposição dos elementos não devem ser excluídas. Assim o linguista que se detenha a analisar essas formas deverá levar em conta que a importância da analogia, ou seu produto – a inovação

⁹ Dado retirado de: SANTOS, P de C. A Construção de significado: um caminho possível. Londrina: Uel, 1997.

¹⁰ O *corpus* do TERMNEO está disponível em: http://www.fflch.usp.br/dlcv/neo/dados_termneo.php

lexical – é de ser prova peremptória das unidades menores que a palavra e das categorias gramaticais em funcionamento na fala da criança.

Por fim, como bem mostrou o mestre, por mais regular que a analogia seja, ela terá seus caprichos. Não se pode prever de antemão quais os modelos que desencadeiam a analogia, nem os tipos destinados a imitá-lo, muito menos são as formas mais frequentes aquelas que geram a analogia. Nesse ponto, o caráter imprevisível das inovações lexicais na da fala da criança ganha ainda outro argumento teórico.

Cria-se, portanto, a partir de tudo aquilo que foi considerado sobre a analogia na teoria saussuriana, uma hipótese relevante para explicar como e por que são formadas as palavras novas pela criança – objetivos centrais desse estudo. Vimos que esses postulados permitem, por um lado, explicar o porquê das inovações lexicais a partir da teoria interacionista que encara esse fenômeno como marco fundamental da *segunda posição*, a posição de que a língua é o polo dominante e, por outro lado, explicar o como se cria uma palavra nova através dos mecanismos de comparação e imitação das formas, ou seja, através da quarta proporcional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASILIO, M. M. P. (1997). “O Princípio da Analogia na Constituição do Léxico: Regras são clichês lexicais”. Veredas, Juiz de Fora, MG, v. 1, n. 1.
- BORBA, F. S. (2004). Dicionário UNESP do português contemporâneo. São Paulo: UNESP.
- CAUDURO, M de L. F. (2001). “Erros na fala infantil”. Revista Linguagem & Ensino, Vol. 4, No. 1, p. 159-174.
- CLARK, E. V. (1982). “The young word-maker: A case study of innovation in the child’s lexicon”. In E. Wanner & L. R. Gleitman (Eds.), Language acquisition: The state of the art. Cambridge: Cambridge University Press. 1982, p. 390-425.
- COSTA, S.R. (1976) Aprendizagem de alguns aspectos da morfologia portuguesa por crianças brasileiras. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem.
- DE LEMOS, C. T.G. (1986) “Interacionismo e Aquisição de Linguagem”. DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, v. 22, p. 231-248.
- _____. (1992). “Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismo de cambio”. Substratum. 1 (1), p. 121-136.
- _____. (1999). “Sobre o Interacionismo”. Letras de Hoje, v. 34, n.3, p. 11-16.
- _____. (2002). “Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação”. Cadernos de Estudos Lingüísticos, 42, p. 41-70.
- _____. (2003). “O Erro como desafio empírico a abordagens cognitivistas do uso da linguagem”. In. ALBANO & alii (org): Saudades da Língua. Campinas: Mercado das Letras. p. 515-533
- DUBOIS, J. (1973). Dicionário de Linguística. São Paulo: Cultrix.
- FIGUEIRA, R.A.(1995). “A Palavra divergente. Previsibilidade e imprevisibilidade nas inovações lexicais na fala de duas crianças”. Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, vol. 26, p.49-80.
- _____. (1996). “O erro como dado de eleição nos estudos de aquisição da linguagem”. In PEREIRA DE CASTRO, M. F. C. O Método e o Dado no Estudo da linguagem. Campinas, Editora da UNICAMP, p. 55-86.
- _____. (1999). “A Aquisição dos Verbos Prefixados por Des-“. Palavra, Rio de Janeiro.
- _____. (2010). “O que a investigação sobre o erro na fala da criança deve a Saussure”. Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas, vol. 52, n. 1. p. 115-143.
- NORMAND, C. (2009). Convite à linguística. FLORES, V.N; BARBISAN, L.B. (Orgs.). São Paulo, Contexto.

SANTOS, P de C. (1997). A Construção de significado: um caminho possível. Londrina: Uel.
SAUSSURE, F. (1916). Curso de Linguística Geral. São Paulo: Cultrix.
_____. (2004) Escritos de Linguística Geral. São Paulo: Cultrix.